



A DURAÇÃO DO PRESENTE. NOTAS SOBRE A FREQUÊNCIA

François Bucher

Vênus presente
eclipse

A Duração do Presente é o nome de um dos múltiplos experimentos em neurofisiologia realizados pelo cientista mexicano Jacobo Grinberg-Zylberbaum, da Universidade Autônoma do México. Aqui, A Duração do Presente se transforma em matéria para François Bucher investigar o umbral diminuto e simultaneamente infinito que denominamos “presente”, em um percurso mitológico e astronômico protagonizado pelo eclipse de Vênus.

A Duração do Presente investiga o umbral diminuto e simultaneamente infinito, que denominamos “presente”. O portal em que coexistem o material e o imaterial, segundo o equilíbrio de quem experimenta; em que se fixa a imagem da luz em uma revelação fotográfica, ou ainda em que se desdobra o caleidoscópio cujo centro está em todas as partes e cuja circunferência não está em parte alguma. É o que oscila do denso ao sutil, segundo os caprichos do pêndulo; do passageiro ao eterno, do circunscrito ao mutante; o portal que traça a sombra cega e surda da memória horizontal, ao mesmo tempo em que abre a claraboia do zênite à memória vertical.

A Duração do Presente é o nome de um dos múltiplos experimentos em neurofisiologia realizados pelo cientista mexicano Jacobo Grinberg-Zylberbaum, da Universidade Autônoma do México. Grinberg fundou e dirigiu durante anos um laboratório de psicofisiologia vanguardista, em nível mundial; um laboratório dedicado ao estudo da consciência. Jacobo Grinberg-Zylberbaum desapareceu, sem deixar rastros, em 1994.

THE DURATION OF THE PRESENT | *The Duration of The Present is the name of one of the multiple experiments in neurophysiology performed by Mexican scientist Jacobo Grinberg-Zylberbaum of the Autonomous University of Mexico. And here, The Duration of The Present becomes substance, for in it François Bucher investigates the minute and simultaneously infinite threshold that we call “present”, in a mythological and astronomical journey carried out by the eclipse of Venus. | Venus, present, eclipse.*

La forma de Venus (2013). Fotografia digital em cores, 110x110cm.
Cortesia de François Bucher e Galeria Alarcón Criado

A forma de Vênus. Parte da duração do presente (notas sobre a frequência)

Diz-se que Pitágoras se deu conta de que a estrela da manhã e a estrela da tarde eram o mesmo corpo astral – Vênus. Diz-se também, entretanto, que os sumérios já o sabiam e, não obstante, diferenciavam a estrela da manhã da estrela da noite, como se fossem duas. Na mitologia planetária, há centenas de seres que se vestem da estrela da tarde e da estrela da manhã: Quetzalcóatl, um ser composto tanto do terrestre quanto do alado, Inanna ou Ishtar; Horus, a ave fênix de duas cabeças, e o duo Lucifer e Jesus, dois aspectos da mesma coisa na filosofia oculta da alquimia, que não compreende algo sem o seu oposto. Como me deu a entender um homem sentado numa cadeira de balanço em Luxor, que, ao perguntar seu nome, indagou-me se gostaria de conhecer o da aurora ou o do pôr do sol.

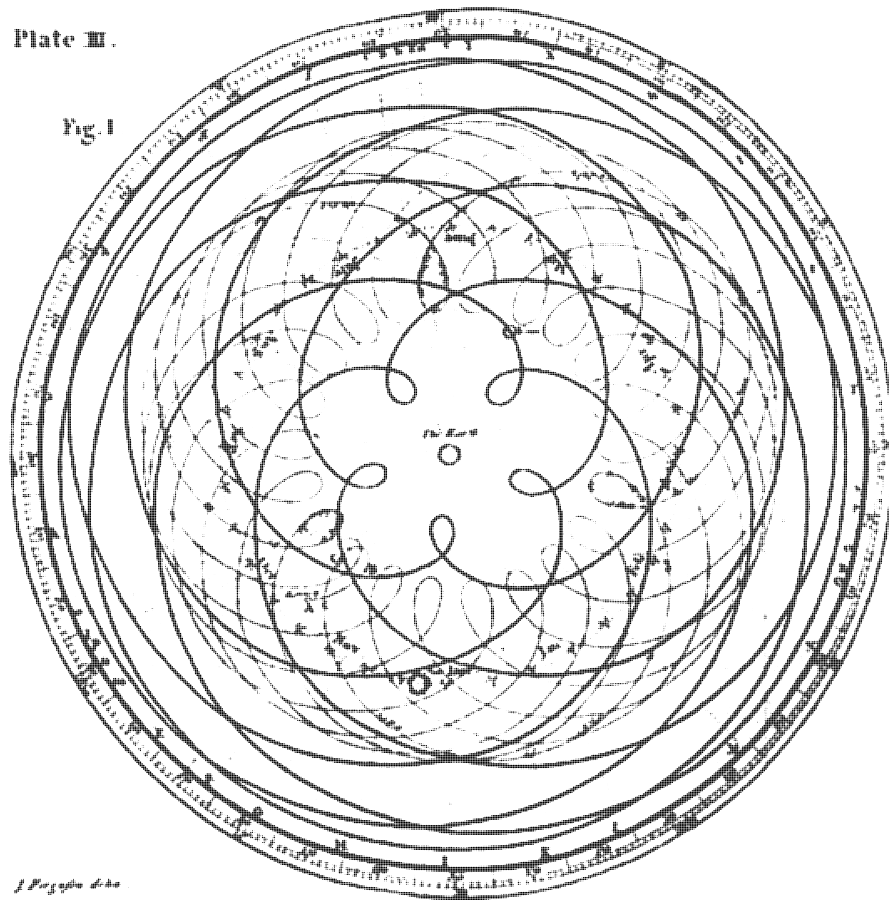
Do ponto de vista dogmático da ciência materialista – que nos tornou mais ou menos psicóticos e por vezes, incapazes de estabelecer diálogo com as forças que escapam a nossas coordenadas fenomenológicas – qualquer consideração sobre o imaterial é, no entanto, entendida como pseudociência e é desqualificada. E esse segue sendo o caso na era quântica, uma vez que toda analogia entre as observações do subatômico e da natureza no nível macroscópico é considerada heresia diante do dogma científico materialista. Por assim dizer, nossa consciência coletiva se recusa a viver nos termos do Universo não local, multidimensional, que nomeou nossa própria física quântica, como os marinheiros dos barcos de Colombo, que ainda temiam o abismo do fim do mundo, mesmo que já houvesse passado um milênio desde que a ciência descobrira que a Terra é redonda.

Detalhe de uma foto do quadro al óleo O nascimento da Vênus, 1484, de Sandro Botticelli. Fotografia digital



Plate III.

Fig. I



A forma da Vênus, 2013. Vinil, 110x110cm

À medida que a Terra e Vênus traçam suas órbitas ao redor do Sol, cria-se uma coreografia que demora oito anos terrestres para se completar (13 anos de Vênus). A duração dessa dança desenha um pentagrama virtual perfeito no tempo. Uma trama de pontos de zero a 2mm numa frequência de 1,1mm e num ângulo de zero grau.

1. Diz-se, ou sabe-se, que os maias já conheciam a forma da dança da Terra com Vênus, o desenho no tempo da flor de cinco pétalas. A ciência contemporânea se pergunta por que os maias ignoraram o eclipse de Vênus e do Sol – que chamam de “Trânsito de Vênus” – se esse era

um fator fundamental do ciclo para conseguir respostas astronômicas. Porque é na fixação obsessiva de nossa ciência nos estudos da recorrência de tal dança responsável pelo trânsito regular de Vênus diante do Sol que podemos medir com exatidão as dimensões do sistema solar. Aí então ficamos fixados nesse fato, buscando nele uma certeza que tenho chamado de psicótica. Ignoramos o padrão deslumbrante, o traço de beleza inexplicável, e ficamos perplexos com o fato de que os maias pudessem se interessar pela flor em si, a flor imaterial, desenhada no tempo, como se isso mesmo fosse “conhecimento”. Afinal, não entendemos do que se trata esse conhecimento

e ele nos parece irrelevante, pseudociência. Se pensarmos na história da eletricidade há algo similar: após milênios experimentando a magia da eletricidade, conseguimos capturar o que antes era atribuído somente ao âmbito das superstições e era então atacado pelas inquisições. Assim que começou nossa “era elétrica”, abandonamos esse questionamento profundo sobre o Universo Elétrico que nos circunda, porque já havíamos controlado e utilizado o que não tem, no fundo, uma resposta clara, nem nunca terá: a pergunta sobre de onde vem o impulso vital e por que ele segue pulsando. O mesmo acontece nos laboratórios da Áustria com certas expressões misteriosas da física quântica que desfazem o espaço e o tempo – como é o caso do chamado “teletransporte” – e que, agora, ao ser utilizada como base do primeiro computador quântico, deixará de ser um questionamento sobre o Universo para se tornar um novo paradigma tecnológico que nos conduzirá mais rápido ao reino da inteligência artificial, para onde nos dirigimos, estupefatos. Nosso holograma artificial, que vai desde as articulações sociais do Facebook até a macrocultura em si, continuará sendo fabricado como uma Torre de Babel, enquanto o holograma da flor de Vênus será mais e mais inacessível, até que toda a construção humana desmorone, como sempre desmoronou, e então se manifeste o Universo em nós de novo, como uma luz que cega.

Voltando a Vênus: na cosmovisão dos maias, parece que houve uma tentativa de estabelecer a correspondência de todas essas observações e números à procura de um conhecimento astrológico, quer dizer, sempre em relação ao fato de que tudo aquilo que se observa no cosmo potencialmente influencia cada ser humano na superfície terrestre, e de forma extremamente

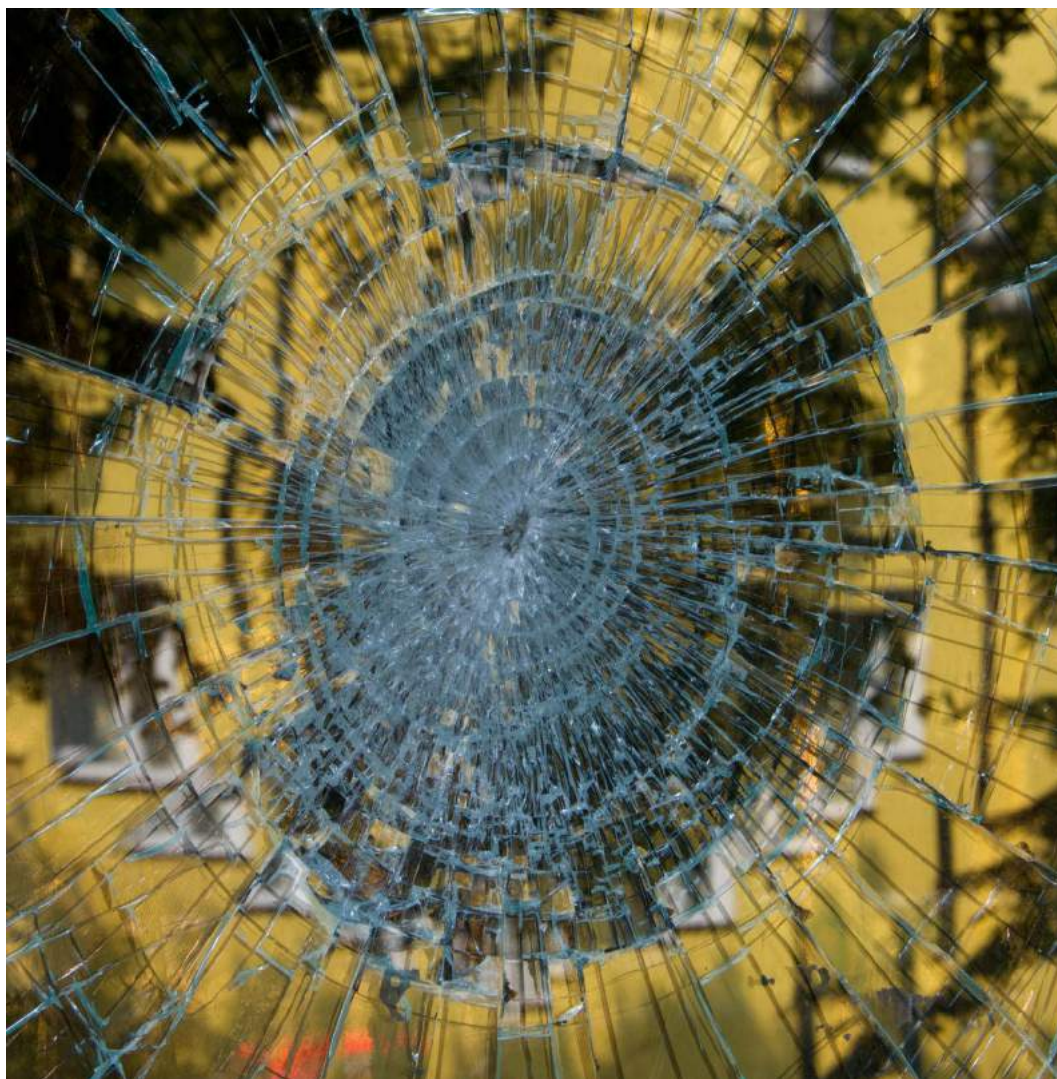
particular. A diferença entre esse Nomos – lei dos homens – e esse Logos – ordem não conhecível do impulso vital – é profunda. O primeiro termo amarra o natural com as leis que são metáforas do humano e que logo se tornam literais para nós; o outro busca tecer redes, apanhador-desenhos; a mitologia, bem como o zodíaco que a acompanha, seria exemplo dessas redes de pescadores barqueiros – nas quais é possível pegar os reflexos e as refrações do Logos, a ordem que nunca se deixa olhar de frente e, no entanto, age em cada coisa; a influência das influências. Neste sentido, ainda que não exista dúvida fenomenológica de que a Terra dê voltas em torno do Sol, em outro espectro da realidade, a Terra é, sim, o centro, e o corpo humano é, além disso, a expressão holográfica do Universo inteiro, de forma que não é possível diferenciar um do outro; portanto as conexões nunca param de se manifestar. Nossas frequências são oitavas inferiores ou superiores de outras frequências, e cada coisa é suscetível de ser mobilizada por outra que tenha sido enredada a ela, em um ‘plano’ sem distâncias nem cronogramas. Digamos que, ao olhar uma estrela ‘a milhões de anos-luz’ – como reza a nossa ciência – nos emaranhamos em seu brilho e a trazemos para o presente, para o Universo insondável de uma pupila negra. Isso poderia ser a matriz dos relatos mitológicos que estão atrelados a um conhecimento que não se pode segurar com as mãos, cujos reflexos só podem ser contemplados furtivamente. O mito é a mimesis de uma coerência que não se busca, mas que se encontra no próprio gesto, na própria maneira como nossas palavras invocam o mundo. O que fala no mito é a sua própria estrutura, seus números, sua cadência, exatamente como o cristal fala do meio onde tomou sua forma, ou como a cismática revela a assinatura de uma frequência

que antes não tinha aterrissado na Terra. A estrela da manhã não tem o mesmo nome que a estrela da tarde e, para dialogar com essas duas estrelas, usa-se a mitologia, essas narrativas que guardam zelosamente o que não possuem; usa-se a dança ritual, a dança enfeitada, como o flamenco, à procura dos duendes que só entram em movimento se a emoção dos humanos é viva

e presente, suficiente para ser canal do outro. Estamos na esfera cujo centro está em tudo e cuja circunferência não está em parte alguma.

2. Vênus e mulher têm o mesmo símbolo alquímico que, por sua vez, é o mesmo do elemento cobre. Dias antes da menstruação, quando a psique feminina está em ebulição, quando nela habitam

La forma del día (2013). Fotografia digital em cores, 50x50cm. Cortesia de François Bucher e Galeria Alarcón Criado



forças que só as mitologias são capazes de nomear ou dar a ver; nesses dias, o nível do cobre, condutor da comunicação com as esferas, está altíssimo no sangue da mulher. Isso é verificável por análise sanguínea, mas esse é também um conhecimento imemorial da humanidade que possivelmente provém de um modo de viver os ciclos e as influências dos planetas a partir do autoconhecimento, um saber que temos, agora, atrofiado.

Os taitas (xamãs) de Putumayo sempre advertem que as mulheres que estão em “sua lua” (período menstrual) não devem assistir às cerimônias de yagé. E isso não pelo que possa acontecer durante a cerimônia à mulher que está menstruada; é pelo perigo que corre o xamã...

ao ser anulado por esse elemento noturno que circula no sangue.

Imagem processada a partir dos dados acumulados durante quatro anos (entre 1990 e 1994) de órbita do satélite Magalhães, que mapeou 98 por cento da superfície de Vênus a partir de ondas de radar.

3... muita luz para que apareça uma imagem, porque não há sombras que se possam desenhar contra o fundo de claridade intensa da vigília.

... muito escuro, quando não há a luz da lua para pintar seus brilhos nas gotas suspensas das folhas negras na noite

e estes dois movimentos são, finalmente, equivalentes.

La forma de Venus (2013). Detalhe de uma foto da pintura a óleo *Vênus surpreendida pelos sátiros* (1626), de Nicolas Poussin. Fotografia digital em cores, 10x13cm. Cortesia de François Bucher e Galeria Alarcón Criado





Os aparelhos de ressonância Helmholtz, inventados por Hermann Von Helmholtz, no século 19, em Berlim, serviram para analisar a percepção dos tons no nível fisiológico. Cada ressonador é fabricado, segundo a equação de Helmholtz, para que ressoem com frequência específica e única. O ressonador de Helmholtz é análogo, em sua função, ao fenômeno denominado “ressonância Schumann”, que descreve a frequência produzida na cavidade entre a ionosfera e a superfície terrestre. Nós, terráqueos, vivemos nessa frequência, e cada planeta tem a sua própria.

Tradução Rodrigo D'Alcântara

Revisão técnica Maykson Cardoso

Fonte Libro de creencias. 43 Salón [Inter] Nacional de Artistas. Medellín, septiembre 6 a noviembre 3, 2013.

La forma de Venus (2017). Instalação na Arco Madrid 2017. Cortesia de François Bucher e Galeria Alarcón Criado

François Bucher é artista graduado em cinema pelo The Art Institute of Chicago. Seu trabalho e pesquisa cobrem ampla gama de interesses e meios, que inicialmente se concentrou em problemas relacionados com questões éticas e estéticas colocadas pelo cinema e pela televisão. Bucher representou a Colômbia no pavilhão sob a curadoria de Alfons Hug e Paz Guevara na 55ª Bienal de Veneza, quando a versão original deste texto foi publicada.